

NOAH, H. Y. HOMO DEUS: UMA BREVE HISTÓRIA DO AMANHÃ. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 2016.

Laura Cristina da Cruz Dominciano
Doutora em Ciências (FZEA-USP)
Docente na Universidade Paulista (UNIP)
lauraccd@uol.com.br

O livro combina ciência, história e filosofia para o leitor fazer uma reflexão e tentar entender a história evolutiva da humanidade, seu passado e suas perspectivas. O autor, sempre atento em relatar a origem humana e as histórias do passado, investiga o futuro da humanidade em busca de respostas tão difíceis quanto essenciais sobre o destino humano na Terra. A princípio, os sinais são animadores.

O autor relata que durante milhares de anos os três problemas que mais preocupavam eram a fome, a peste e as guerras. No alvorecer do terceiro milênio, o planeta vive um momento único em que, a despeito de não terem sido completamente erradicados esses problemas, hoje se morre mais de obesidade do que de inanição.

A junção fome, epidemias e guerra, embora ainda exista, mata nos tempos atuais uma fração do que matou até o século XX. Como exemplo é citado que aproximadamente 2,8 milhões de franceses (15% da população) morreram de fome entre 1692 e 1694. A Escócia perdeu 20% de sua população sob uma fome rigorosa entre 1695 e 1698. Porém, nos últimos cem anos, o desenvolvimento tecnológico, econômico e político criou uma rede de segurança cada vez mais robusta, que separa a humanidade da linha biológica da pobreza. Ondas maciças de fome ainda atingem algumas regiões, como Iêmen, Sudão, Síria e Somália, onde as mortes por fome não ocorrem por catástrofes naturais, mas por questões políticas.

O autor mostra que, atualmente, caso uma pessoa perca o emprego e todas as suas posses, é improvável que ela morra de fome, posto que há sistemas público-privados que proverão esse indivíduo de um número de calorias suficiente para sua sobrevivência. Essas são conquistas do passado, mas que trazem uma outra mensagem: a história não tolera o vazio. Então é preciso pensar com cautela a respeito de quais são os projetos que vão substituir a fome, as pestes e a guerra no topo da agenda humana no século XXI.

O crescimento econômico, a medicina, a energia e as matérias-primas acarretaram um desequilíbrio ecológico do planeta, e o homem está atrasado em reconhecer esse perigo, tendo feito muito pouco para combatê-lo, porque isso envolve sacrifícios econômicos e políticos. Raramente o homem se satisfaz com o que já possui, e sua mente sempre anseia por mais. O sucesso alimenta a ambição, e o homem quer objetivos mais ousados. Com isso, depois de conquistar a prosperidade e a saúde, as próximas metas da humanidade serão provavelmente a **imortalidade**, a **felicidade** e a **divindade**.

No que tange à imortalidade, o avanço da genética torna os humanos cada vez mais saudáveis e com uma expectativa de vida cada vez maior. Segundo algumas previsões, a própria ideia de morte pode estar com os dias contados, porque a morte ocorre devido a uma falha técnica.

O desenvolvimento vertiginoso de campos como a engenharia genética, a medicina regenerativa e a nanotecnologia estimula profecias ainda mais otimistas. Alguns especialistas acreditam que os homens vão vencer a morte até 2.200. No entanto, na opinião do autor, não é fácil viver com a consciência de que se vai morrer, porém é muito pior acreditar na imortalidade e constatar que tudo se tratava de um equívoco. Mas enquanto a morte for provocada por algo haverá motivação e empenho em superar suas causas.

É preciso reflexão sobre a busca da felicidade. Buda fez uma declaração quanto à busca de sensações prazerosas, que são a verdadeira raiz do sofrimento, ou seja, quando a mente aprende a enxergar sensações como são – vibrações efêmeras e inexpressivas –, o ser humano perde o interesse em persegui-las, porque não há sentido em correr atrás de algo que desaparece tão rápido quanto surge. Felicidade não pode ser uma busca constante porque ela não é duradoura. Para alcançá-la, os humanos precisam desacelerar sua procura por sensações prazerosas. A cada ano se produzem analgésicos mais potentes, novos sabores de sorvete, colchões mais confortáveis e mais jogos viciantes nos *smartphones*, para o indivíduo não ter um só momento de tédio, nem mesmo enquanto espera o ônibus.

Tudo isso não será suficiente, porque a evolução não adaptou o *Homo sapiens* a experimentar um prazer constante. Serão necessárias mudanças na bioquímica e reengenharia do corpo e da mente para que o ser humano possa usufruir de um prazer perpétuo.

Ao buscar a felicidade e a imortalidade, os humanos estão na verdade tentando promover-se à condição de deuses. Não só porque esses atributos são divinos, mas porque, para superar a velhice e o sofrimento, terão de adquirir primeiro um controle de caráter divino sobre o próprio substrato biológico. A elevação de humanos à condição de deuses pode seguir qualquer um entre estes três caminhos: engenharia biológica (evolu-

ção ao longo de 4 bilhões de anos, seleção natural ajustando os corpos orgânicos: de amebas a répteis, de mamíferos a *Sapiens*), engenharia cibernética (fundir o corpo orgânico com dispositivos não orgânicos, mãos biônicas, olhos artificiais, nanorrobôs) e engenharia de seres não orgânicos (inteligência artificial).

Todavia, quais são as implicações éticas dessas mudanças? O autor examina a relação entre o *Homo sapiens* e outros animais, numa tentativa de compreender o que faz a espécie humana ser tão especial.

O leitor pode se perguntar por que os animais recebem tanta atenção num livro sobre o futuro. Primeiro porque o homem é um animal, mesmo que faça o melhor que pode para esquecer esse fato. Segundo, o que significa, por exemplo, o fim da fome, ao considerar a brutalidade com que se tratam milhões de animais para a humanidade se alimentar? A resposta é dada na lembrança da origem dos seres humanos numa época em que buscam tornar-se deuses. Portanto, avaliar a relação entre humanos e animais é o melhor modelo para entender as futuras relações entre super-humanos e humanos, ou seja, é melhor começar a investigar como os humanos tratam seus primos animais menos inteligentes para entender como ciborgues superinteligentes poderiam tratar humanos normais de carne e osso.

As modificações genéticas estarão disponíveis para toda a população, ou haverá uma elite biológica capaz de feitos impossíveis aos demais? O que representará a existência de uma inteligência artificial que gerencie aspectos cada vez mais relevantes da vida e da sociedade? Num mundo dominado por algoritmos, até que ponto o livre-arbítrio será importante para as futuras gerações?

A partir de uma visão absolutamente original da história, o autor responde a essas perguntas combinando pesquisas de ponta e os mais recentes avanços científicos à sua conhecida capacidade de observar o passado de uma maneira

inteiramente nova. Assim, descobrir os próximos passos da evolução humana será também redescobrir quem foi o homem e que caminhos tomou para chegar até o presente momento.

Como poderia então a busca da imortalidade, da felicidade e da divindade sacudir os fundamentos da crença na humanidade?

A história testemunhou a queda dos faraós, que governaram o Egito por 3 mil anos, assim como os papas dominaram a Europa por um milênio. Num retrospecto, a derrocada dos faraós parecia inconcebível. Talvez o colapso do humanismo também possa parecer hoje impossível, pois as pessoas comumente temem a mudança por temer o desconhecido. Mas a única grande conquista constante da história é que tudo muda, e é preciso estar consciente disso e disposto a aprender sobre a existência humana no planeta Terra.

Referência

NOAH, H. Y. *Homo Deus: uma breve história do amanhã*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.